

A FRANCESINHA

Myriam SCOTTI¹

Costumo vir ao quintal para sentar debaixo da mangueira, enquanto observo as crianças revezarem o balanço e Cida fica na cozinha, esquentando a água do café, ao mesmo tempo em que tempera a goma e joga pedacinhos de castanha para preparar as tapiocas da merenda.

Mãe dedicada, impressiona-me o zelo com seus meninos. “Filhos são gerúndio, não infinitivo”, vez em quando me repete essa frase feito reza e me conta que cresceu com a mãe acordando-a com um beijo temperado de cebola e alho para ir à escola, alimentando-a com os peixes que pescavam no rio Negro, ralhando pelas traquinagens que fazia com os irmãos, ensinando-a a preparar a mesma tapioca que ela ia nos servir, banhando-a na beira do rio, antes de anoitecer, para refrescá-la do verão equatorial de julho a outubro.

Como é bonito escutá-la falar com tanto afeto sobre a sua infância, sobre o amor recebido dos pais e o quanto esse amor reverbera nela, agora, que tem a sua própria família, mesmo que não fosse perfeita, sem um homem na casa, como dizem que deve ser, Cida ama os filhos por ela e pelo pai desconhecido. No seu peito não há espaço para lamentos, “não dá tempo de sofrer aqui não, Ana. Esses meninos precisam de mim.”, diz-me quando pergunto se ela não fica triste nunca. Em mim, há sempre um vazio misturado à dor e ao medo. Invejo a valentia de Cida para enfrentar as agruras da vida e isso me remete à coragem de minha mãe, mulher que parecia nunca se abater, mesmo em condições de extrema dificuldade. Cida, além de valente, também é generosa e entende a minha escolha pela reclusão. Ofereceu-me abrigo quando pensei que não fosse escapar daqueles homens nem de mim mesma.

Além de Cida, quem me salvou dos meus pensamentos desatinados foram às águas do rio. Mesmo sendo estrangeira, desde a primeira vez em que entrei no Negro, senti-me íntima, como se sempre tivéssemos pertencido um ao outro. Agora quem me acompanha nos mergulhos são as crianças de Cida: Francisco e Joaquim. Todo fim de tarde, carregam-me para a praia. “Vem, tia. Fica triste mais não, vem anadar com nós, vem!” Os irmãos caminham lado a lado, feito sombra um do outro, lembrando as minhas irmãs, das quais fui afastada há tantos anos e que não voltarei a encontrar. Joaquim, o caçula, gosta de me pregar

¹ Mestre em literatura e crítica literária pela PUC-SP em 2022; graduada em direito pela UFAM em 2003. E-mail: myriamscottiescritora@gmail.com

peças. Costuma sumir de repente nas águas, e, passados uns minutos, depois de me causar desespero, acreditando que se afogara, o menino reaparece longe, acenando com alegria. Nadamos então de volta à praia e depois de retomarmos o fôlego, os irmãos me abraçam, como quem desconfia da minha carência de afetos.

Veza em quando Francisco e Joaquim aprontam alguma e levam chineladas de Cida. Entre o chorar e o rir da situação, correm para se esconder entre as minhas pernas. Com pena, imploro para Cida não bater nas crianças tão pequenas e mirradas. Acabamos por nos divertir com a confusão. A pobreza daquele lugarejo não me incomoda. É uma pobreza farta, se comparada ao que experimentei na Polônia. Naquele país sim, fui pobre. Nos meus últimos anos por lá, as refeições se resumiam a batatas e uns ossos no ensopado. Bem diferente de quem tem o rio Negro como quintal, que sente falta de quase nada. Há alimento para o tanto da fome, não há frio nem neve para nos maltratar e andar descalços é quase mandatório. De que adianta jóias, vestidos de renda e *champagne*, se não eu era dona de mim mesma? A única coisa que eu realmente desejo é esquecer e parar de ser atormentada pelas memórias da outra vida que vivi, da outra que fui. Quero ser apenas Ana.

No entanto, nem sempre consigo dissipar meus pensamentos e bastou que eu parasse em frente ao espelho, quando estava tirando a roupa encharcada do banho de rio, para chegarem aquelas cenas de outrora. Ao ver meios seios ainda firmes e com aureolas bem rosadas refletidos, quase pude escutar os homens, todos eles, sedentos, murmurando obscenidades ao pé do meu ouvido, enquanto me amassavam e depois me sugavam feito bebês esfomeados. Uma fila deles, obcecados pela mais nova francesinha da casa. “Ela faz qualquer um delirar”, era como me anunciavam. Mal chegara e já me tornara a peça mais cobiçada pelos barões da borracha. Nessa época, já estava acostumada a servir e, não vou negar, às vezes gostava de ser usada, lambuzada e esfregada contra corpos diversos, em fúria, em gozo. Mas, em outras tantas vezes, sentia nojo daquelas babas e daqueles corpos com partes íntimas velhas, enrugadas, caídas, homens perversos que, com desprezo, maltratavam-me, violentavam-me, deixando-me quase desfalecida depois de se refestelarem às minhas custas.

No início do século XX, Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Manaós, Nova York eram grandes centros de prostituição e um sem número de mulheres judias saíram do leste europeu para tentar escapar da miséria e da violência a que nosso povo estava condenado. Comigo não fora diferente. Vivíamos em uma cidadezinha, quase uma aldeia,

isolados em nossos costumes e idiomas, quase todos analfabetos, sem nenhuma chance de um futuro próspero.

“Feiga, preciso conversar com você, minha filha. Você está ciente de que nossas condições estão piores a cada dia. Você se tornou uma moça, está na idade de se casar e construir sua própria família. Então, o rabino e eu conversamos e concordamos em arranjar um casamento com um bom homem, alguém que possa tirá-la dessa vida desgraçada.” “Mas eu não quero me casar agora, meu pai. E minhas irmãs? E meu irmãozinho? Ainda precisam de meus cuidados.” “Suas irmãs e Abraham serão um problemas meu.” “Mas eu nem tenho dote. Quem vai me querer?”. “Isso já está resolvido, Feiga.”

Ziv era muito bonito. Vestia-se e caminhava com elegância, destoando dos moradores locais, destoando de mim, tão rústica. Assim que o vi se aproximar, intuí se tratar do meu futuro marido. Já estava tudo acertado entre meu pai, o rabino e ele, e, em uma semana partiríamos da Polônia como marido e mulher. O rabino conversou comigo, explicando-me que meu noivo havia prosperado nas Américas e queria uma esposa judia como ele e não as *goyim* que encontrava por lá. Minhas irmãs tentaram me animar, ressaltando o quanto eu tinha sorte de estar me casando com um homem jovem e bonito, que me levaria para um lugar novo, cheio de riquezas. Embora achasse que elas tivessem razão e pensasse no quanto mamãe também estaria satisfeita, eu desconfiava de algo. Ziv, nas poucas conversas que tivemos antes da cerimônia, nunca me encarava. Seus gestos se tornavam bruscos, quando estávamos sem a presença de meu pai. Mas eu não podia falar nada, só acatar a decisão que tomaram por mim.

Aquela manhã estava pouco ensolarada, ainda com resquícios do inverno. Comecei a acomodar minhas poucas coisas numa mala arranjada por uma vizinha, sem me permitir pensar demais no que estava acontecendo para não desmoronar na frente dos meus irmãos. Precisava aceitar o meu destino. Era o que mamãe gostaria que eu fizesse. Casaria com o mesmo vestido que ela, inclusive. Papai tentava disfarçar a tristeza, mas estava claro o quanto aquele dia estava sendo duro para ele. Beijou-me a testa e me abençoou. “Como você está parecida com sua mãe...”

Logo após a breve cerimônia, fui obrigada a dar adeus à aldeia, única vida que até então eu conhecera. Ziv tinha pressa em voltar para a América, mas antes, ponderou, passaremos um tempo em Paris. Não entendi a razão de irmos para uma cidade que nem meu pai nem o rabino haviam mencionado. Tentei argumentar, mas meu marido desconversou e me calei. No trajeto até a capital, percebi as mudanças. Ele não me ajudou com a mala, saiu

na frente em direção ao que parecia ser um hotel e eu o segui temendo perdê-lo de vista. Sem compreender o que o atendente dizia em polonês, esperei Ziv me direcionar. Comecei a ficar nervosa porque iria ficar sozinha com um homem pela primeira vez. Nada sabia sobre isso. “O que devo fazer?” “Troque-se, oras. Você é minha mulher agora.” Sem qualquer delicadeza, tive a minha primeira noite. “Menina, como você é bonita. Aqueles vestidos velhos e sujos não fazem *jus* à sua beleza. Vai render bastante.” Fiquei intrigada com a frase mas sentia tanta dor em minhas partes que não consegui perguntar nada. Ao perceber que ele caíra no sono, fui me lavar e chorar a dor daquela violência. Por que ninguém me contara que era isso que acontecia? Que falta fazia minha mãe. Será que ela teria me ensinado algo? Será que para ela foi terrível como fora para mim? Como ela podia ter amado tanto o meu pai, se ele era responsável por fazer aquilo com ela? Mal eu sabia que ali era somente a introdução do que ainda me aguardava.

Aos vinte e cinco dias do mês de março de 1908, meu corpo passou a pertencer a Ziv. Ao chegarmos em Paris, ele me explicou o motivo de ter me escolhido, mesmo sem dote. E então passou a me contar sobre seus negócios e como havia feito uma pequena fortuna há poucos anos e que há algum tempo estava à procura de alguém especial, bonita, com as faces rosadas, que pudesse passar por francesa porque para onde iríamos, só queriam saber de francesinhas. Parecia um pesadelo. A cada frase, suas palavras desabavam sobre mim como pedras. “Ah, minha cara, o rabino levou a parte dele também. Fique tranquila!” “E meu pai, Ziv, e meu pai? Ele sabia onde estava me jogando?” “Claro que sabia, querida. Ele estava desesperado e ouvira falar sobre os casamentos arranjados e pediu para o rabino ajudá-lo. Mas não é hora de se lamentar. Podemos trabalhar muito bem juntos. Você, com esse rostinho e esse corpo, também pode fazer um bom dinheiro se trabalhar direitinho.”

Como ele ousava falar dessa maneira comigo, sua esposa que mal havia saído da infância? Eu que crescera vendo meu pai tratar minha mãe com amor e respeito, não podia aceitar aquele tom, aquela violência. Ao mesmo tempo, como recusar? Iria para onde, se não sabia falar outro idioma, se meus documentos ficavam nas mãos dele, se eu era uma camponesa ignorante, que não sabia fazer nada, além de cuidar mais ou menos de uma casa? O casamento, até então, era algo sagrado para mim. Idealizei que um dia encontraria alguém que me faria feliz como mamãe nos contava se sentir. O que não entrava na minha cabeça é como o meu próprio pai havia me vendido. Certeza de que mamãe nunca aprovaria.

No entanto, com o passar dos dias, com as lições de francês e de postura com Madame Lily em Paris, comecei a cogitar se mamãe não gostaria de me ver enfeitada e bem tratada

daquele jeito que fui aprendendo a ser. Madame me explicou muitas coisas que somente mulheres como ela podiam saber sobre a intimidade de um casal e sobre o corpo de uma mulher. Ensinou-me, inclusive, as lavagens para evitar filhos e tratar algumas doenças. Mesmo não sendo carinhosa, percebia seu apreço por mim. Talvez eu lembrasse quem um dia ela também fora. “Minha filha, com peitos como esses que você carrega, o mundo será seu, é só querer. Use-os a seu favor que você terá todos os homens a seus pés. E aproveite enquanto sua boceta não está frouxa. Os homens adoram uma apertadinha.” E caía na gargalhada, enquanto eu, envergonhada, cobria meus seios e minhas partes. “Pare com isso, menina! Não tem que se envergar assim! Vamos! Deixe a vergonha de lado e deixe esse corpo falar!”. Em dois meses fui transformada em prostituta de luxo, pronta para embarcar para as Américas, acompanhada do meu senhor, por quem eu já até nutria certa simpatia. Passamos a nos entender na cama e nos negócios. Decidi que chegara a hora de virar a chave da pobre menina judia para alguém de quem minha mãe se orgulharia. Busquei a ousadia que via em seus olhos sempre que se referia ao futuro. Ela detestaria que eu continuasse fraca e medrosa como o meu pai. Foi nisso que me agarrei para fingir que aquela vida seria a melhor que eu teria, ainda que fosse vendendo o meu corpo.

Aos poucos, Ziv começara a revelar para mim quem eram os sócios da rede, como eram os trâmites, para onde ia uma parte do dinheiro arrecadado, enfim, todo o trâmite do mercado, do qual centenas de nós envolvera-se. Mais que marido e mulher, tornamo-nos ótimos parceiros. Mais rápido que supunha meu marido, encarnei o papel de puta como se houvesse nascido para isso. “Que bela mulher a madame fez de você, Feiga. Estou muito orgulhoso.” “*Mon cher*, vamos fazer fortuna com esses barões da borracha, *n’est-ce pas?*” As expressões em francês passaram a sair naturalmente e ninguém ousaria dizer que eu não era uma legítima francesa. Cabelos louros, ondulados, presos num coque elegante, olhos azuis realçados pela maquiagem pesada, vestidos de renda e colares de pérolas, quem duvidaria da minha nacionalidade?

Depois de muitos meses viajando, fazendo algumas paradas em Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro, percebemos a mudança na paisagem e no clima. Mas nada nos causara tanto impacto quanto a abundância das águas daquela região. Como era possível haver tanta água doce em um único lugar? Que paisagem exótica diante de nós. Levei um tempo para assimilar que o traço escurecido que via ao longe era a floresta. Como podia ser tão demasiada? Chegava a ser um afronto a nós, seres ínfimos perto daquela grandeza. Embora o clima não fosse dos mais agradáveis, logo me encantei por Manaós. Ziv, ao contrário, não

pareceu muito animado. Instalamo-nos não muito longe do porto. Localizada bem no centro da cidade, havia uma rua destinada aos bares e bordéis. Um deles, porém, era o mais bem frequentado e, por isso, várias polacas haviam sido remanejadas para Manaós. Todas loiras ou ruivas, falando frases em francês, faces rosadas, olhos claros, para em nada lembrarmos as mulheres locais. Exigência dos coronéis. Com tanta prosperidade, Manaós se esforçava para ser uma cópia fiel da capital francesa. Por isso, deitar-se com caboclas não fazia mais sentido para aqueles homens endinheirados. Tinham de ser francesas!

Políticos, comerciantes e donos de seringais frequentavam o Lola's quase diariamente. Em 1909, ainda não desconfiavam que em poucos anos aquela riqueza desapareceria e Manaós, a Paris dos trópicos, cairia no esquecimento, deixando a população à mingua e centenas de desempregados. Mas antes que isso se desse, Ziv e eu juntávamos nossas economias, além das joias que eu ganhava dos coronéis. Por ser a mais requisitada, logo despertou a inveja de muita gente. Inebriados pela atmosfera luxuosa e próspera, não enxergamos o perigo se aproximar. Numa manhã, ao voltar para a pensão onde morávamos, encontrei Ziv morto em nossa cama e o quarto completamente revirado. As joias haviam sumido e a maleta onde guardávamos as economias também. Apavorada por temer que a polícia achasse que eu tramara o crime e também receando alguém da organização estar envolvido e querer me matar, fugi.

A essa altura já me afeiçoara não apenas à cidade, mas a algumas pessoas. Entre elas, Cida, com quem aprendera um pouco do português, durante nossas conversas no mercado Adolpho Lisboa, onde ela trabalhava como feirante. Tornamo-nos amigas e confidentes. Confiava em Cida mais do que em qualquer outra pessoa, talvez porque seu jeito lembrasse um pouco a minha mãe. Ela já guardava consigo algumas joias que eu lhe entregara escondido de Ziv. Aprendera também a desviar algum dinheiro que recebia dos clientes e levava para Cida. Quando Ziv morreu, foi a ela quem recorri. E foi assim que saí de Manaós para me esconder no pequeno município, próximo de Manaós, onde Cida morara durante toda sua infância. Depois de uns anos, ela acabou voltando de vez. A vila é pequena, lembrando a minha aldeia polonesa, e, como lá, todos se ajudam e posso, enfim, parar de sentir medo. Abandonei tudo o que pudesse me ligar à imagem de Feiga para me tornar Ana. Aqui decidi ter apenas presente e futuro. O passado será apenas um fantasma a me assombrar vez em quando.

Ontem, vi encostar o barco mercante que costuma atracar por aqui. Não é a primeira vez que o observo descer da embarcação para tentar se aproximar quando apareço ao lado de

Cida para saber das mercadorias trazidas de Manaós. Não sei se terei coragem de me envolver com alguém e mentir sobre quem fui. Minha outra vida será sempre uma sombra. Cida, no entanto, considera que já está mais do que na hora de eu me arranjar com alguém. “Descobri o nome dele, Ana! Chama-se Abner.”